

TERMOS E TEMAS REGIONAIS NA "TERRA NATAL" DE D. AQUINO

Carlos Francisco de Moura
Sócio Correspondente do Instituto Histórico
e Geográfico de Mato Grosso

Convocado pelo Ilustre Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Dr. Luis-Philippe Pereira Leite, não me poderia furtar a emprestar colaboração embora modesta à meritória obra que se propôs realizar de reunir os escritos de D.Aquino, o que dele pensaram, disseram e escreveram seus contemporâneos, e também estudos modernos sobre sua obra.

Pouco afeito à literatura propriamente dita, abordarei assunto mais afim aos **estudos mato-grossense** que venho realizando.

O livro de D.Aquino **Terra Natal** tem sido considerado como uma coleção de jóias poéticas.

"(...) **Terra Natal** é um tesouro de arte, tornado mais precioso pela cívica inspiração que o anima inteiro. Cada composição que encerra é uma jóia burilada por mão magistral" (Araulpho de Paiva, Discurso pela Posse na Academia Brasileira de Letras, a 4/12/1927, in **Discursos Acadêmicos**, 1944, p. 147).

"O seu livro **Terra Natal** é um verdadeiro escrínio de jóias do mais fino quilate com que o poeta exalta as riquezas e os encantos da terra" (Nilo Póvoas, **Galeria dos Varões Ilustres de Mato Grosso** -obra póstuma-, vol. I, 1977, p.66).

Vamos pois, de bateia em punho, garimpar o que de mais regional em termos e temas contém a **Terra Natal**. E tomando como fulcro os versos e a prosa de D.Aquino e com o apoio de autores mato-grossenses e de outros que estiveram na região ou sobre ela escreveram, ressaltar as suas singularidades. Entram portanto na bateia também as notas explicativas de D.Aquino e "O Belo nas Letras", que aparece na edição "À Maneira de Prefácio", e que foi o discurso oficial proferido na instalação do Centro Mato-grossense de Letras a 7/9/1921.

A edição utilizada é a 3ª (Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1940), e Mato Grosso não é o atual, mas o da época de D.Aquino.

Alguns temas fundamentais da região, como **Pantanal e cerrado**, pela própria importância e pela extensão que demandam não cabem neste

artigo. Merecem estudos à parte.

AGUAPÉ

À tona das águas, em rios selvagens,
Que linda não é.
Abrindo entre verdes e largas folhagens,
A flor do aguapé!

Já vão camalotes boiando nas águas,
Aos bandos até!
Num deles flutua, ai! já murcha de lágrimas,
A flor do aguapé.

Do poema **A Flor do Aguapé** (pp.102/3).

A palavra aguapé é registrada em Mato Grosso desde os primeiros tempos da colonização. Assim é que o Capitão João Antônio Cabral Camelo nas suas **Notícias Práticas das Minas do Cuiabá**, descrevendo a viagem que fez em 1727, informa quanto à navegação do Paraguai-mirim:

“Gastam-se comumente quatro dias: é este rio um bracinho do Paraguai-açu, que sai dele pela parte direita, e se divide em outros muitos, que cruzam de uma para outra parte; está comumente cercado ou cheio de umas ervas a que chamam **aguapés** (iguapés) que algumas vezes é preciso cortá-las para se poder passar adiante: motivo por que ainda os mais práticos se perdem nele, e neste rio são certos os Paiaguás”. (p.11)

Pela mesma época Gervásio Leite Rebelo, Secretário do Governador de São Paulo Rodrigo César que foi a Cuiabá elevar o arraial a vila, também descreve os aguapés do rio Paraguai-mirim.

“Em 19, se fez viagem das 4 horas da manhã até as 5 da tarde, tudo pantanais cheios de água com uma erva rasteira, que chamam **aguapés** (sic) e que tapam os rios e canais tanto, que ainda os mais práticos se confundem e perdem neles; neste dia vimos várias ilhas destas ervas, que vinham pelo rio abaixo, que as tropas dianteiras tinham cortado para descobrirem os canais e rios por onde navegar com segurança e nos deram algum trabalho por nos encostarem as canoas ao mato e nos embaraçarem a viagem”. (**Notícia 6a, prática**, p.126)

O General Couto Magalhães descrevendo esse **imenso tapete** que cobria as águas, informa:

“A planta que forma este tecido é uma espécie de lírio aquático de flores brancas em cachos, com o cálice da corola às vezes roxo, às vezes cor de rosa; é conhecida pelo nome guarani de **aguapé**”. (p.6/7)

Segundo Bernardino José de Souza, “É termo principalmente usado na região sulcada pelos rios da bacia platina, mais especialmente o Paraguai

e seus tributários, bem como no **interland brasileiro**" (**Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**, p.6).

Informa ainda esse autor que na Bahia chama-se **golfo** ou **golgão**, e que "da Bahia a Pernambuco chamam-se **baronesas** às pontederiáceas que cobrem largos trechos dos rios e lagoas". (*idem*, p.7)

Lembra Severiano da Fonseca que a aguapé correspondem no Pará os termos **mururé** e **auapi**. (*Viagem*, I, p.314)

AMASSA-BARRO

É o terceiro tocaio, o João-de Barros,
Mas um tipo simpático de obreiro,
Que impressiona, apesar dos modos charros,
Bem melhor que o segundo e que o primeiro.

Na sua blusa humílima de cáque,
Vive, de sol a sol, sempre ocupado:
É o "amassa-barro", ninguém há que o ataque,
Todos respeitam o trabalho honrado.

Do poema **Os Três Xarás**, que fala em três pássaros de Mato Grosso - o João-Congo, o João-Pinto-Sofré e o **Amassa-Barro**

Amassa-barro é como é denominado em Mato Grosso o João-de-barro. Popularmente a pronúncia é aliás massa-barro.

ANFIUMA

Mas, de repente, em amplo vôo, a anhuma
Enche do seu nostálgico gemido,
A infinita solidão do plaino verde.

Do soneto **Pantanal** (p.99).

Cavalcanti Proença descreve as anhumas e seus hábitos.

"Aos casais também, ou de três em três, gritam, agudamente, as anhumas gordas, pesadonas como perus silvestres. São rigorosamente vegetarianas e têm o estômago enorme, guardadas as proporções, como um rúmen de bovino. Arisca e de sono leve, a anhuma anuncia, aos gritos, a presença do caçador, avisando as capivaras que dormem à beira d'água ou os veados que retouçam nas vazantes. O caçador a odeia, e não lhe perdoa o escândalo que põe a perder a caçada"(...)

"Há duas espécies de anhuma, e o povo não as confunde, distinguindo a anhuma da anhumapoca. Anhumapoca é a cornuda, com esporão na cabeça" (**No Terno de Cuiabá**, p.26).

ARACUÃ

Ó praias! matas! araquãs selvagens,
Cantando o hino estridente entre as ramagens
Das lindas canafistulas em flor!

Do soneto **Santo Antônio** (p.65P).

A palavra é onomatopaica.

"(...) despertamos cedo, por causa da alvorada das araquãs se alegrando com o romper do dia. Gritam como umas desesperadas, rouquenhas, valorizando as traquéias longas e volteadas, cuja excentricidade já havia chamado a atenção de Gabriel Soares. O povo traduz-lhe o grito como anseios de casamento: "quero casar pró natal, quero casar pró natal" ou como determinações de campeiro: "Pega o boi pra capá, pega o boi pra capá". (No **Termo de Cuiabá**, pp.22/30).

Taunay também as cita no romance **Inocência**.

"Ao longe, à beira de algum rio, as aracuãs levantam a sonora grita" (o.c. p.236).

O primeiro Governador de Mato Grosso, D. Antônio Rolim de Moura as menciona no seu diário de viagem ao chegar ao rio Taquari (1751).

"Há também pelos matos muitas araquãs, jacus e jacutingas; passam de bom gosto, saudáveis, de modo que se dão aos doentes principalmente as araquãs, que sendo destes os mais pequenos, sempre têm o tamanho das nossas frangas" (Ana Mesquita Martins de Paiva et alii, **D. Antônio Rolim de Moura, Primeiro Conde de Azambuja (Correspondências)** vol 1, p.19)

A palavra aparece grafada ora aracuã, ora araquã. O **Grande Aurélio** registra **araquã**.

BIGUÀS E BIGUATINGAS

Como nadam biguás e biguatingas !
E os grandes barcos ao bater das zingas!
Do poema **Santo Antônio** (p.69).

Cavalcanti Proença faz a distinção entre **biguás** e **biguatingas** e dá informes sobre seus hábitos.

"Outras espécies que andam em bando são os **biguás**, **biuá** como pronunciam os caboclos" (o.c., p.26).

"Tem hábitos curiosos o biguá. Mergulhador exímio, passa a maior parte do dia dentro do rio, apenas agitando fora d'água o pescoço fino que dá a impressão de uma cobra nadando. Quando deixa o rio e se empoleira num galho da margem, é para retocar a toailete, engraxando as penas com o bico, a fim de evitar que se molhem nos mergulhos demorados, o que o impediria de alçar vôo, diretamente de dentro d'água para o ar" (c.o., p.27).

Enquanto o biguá é todo negro, o biguatinga tem o pescoço claro e uma faixa branca na asas.

“(...) à noite dorme numa árvore da margem, sempre a mesma, e que, ao fim de pouco tempo, está pelada, sem folhas, recoberta de uma crosta branca do urato proveniente das dejeções da colônia. Fica se chamando árvore-de-biuá” (o.c., p.26).

O **Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa** registra mais um regionalismo mato-grossense - **Biguar**, em M.Grosso significa procurar diamantes na areia dos rios, mergulhando.

O BOI CUIABANO

Ao nostálgico chiar da cantadeira,
O carro sobre a serra. Descangada,
Já no pouso, da tarde à luz fagueira,
Pasta e resfolga a plácida boiada.

Longe, longe, na intérmida baixada,
Azula o pantanal. Da alta ladeira,
O boi que deixa a sua terra amada,
Contempla aquela cena derradeira.

Anos de exílio! Trôpego e vencido,
O velho boi, ao ver que a morte o espera,
Num triste olhar, os quatro céus percorre...

Fita um quadrante: é a pátria! E num mugido
De saudades do campo, onde nascera,
O grande boi heroicamente morre!

Numa nota de pé de página D.Aquino esclarece o título do poema - “Dizem os boiadeiros que o boi cuiabano, ao morrer, procura voltar-se para a banda dos pantanais, onde se criou” (p.187).

A mesma tradição se encontra em Cavalcanti Proença.

“É o remanescente do gado pantaneiro que hoje começa a ser substituído inteira e rapidamente pelo zebu. Gado do pantanal que, na observação dos campeiros, quando afrouxa no caminho e não pode seguir viagem, ao morrer, volta a cabeça para os lados onde nasceu. E quem lhe encontra o esqueleto, alvejando nos campos, nota a linha das vértebras, feito seta rodoviária, apontando o pantanal” (o.c., pp.123/4).

BURITI

Desce os campos gentis de São Vicente,
Onde o seu berço jaz, sob o virente
Sobrecéu dos formosos buritis
Do poema **Rio das Mortes** (p.78).

Ó gado manso! Ó buritis selvagens
Do poema **Mimoso** (p.89)

E agitam-lhes suaves
Flabelos de esmeralda os verdes buritis
Do poema **Bispo Missionário** (p.135).

Do poema **Buriti Solteiro** são os seguintes versos:
Nos chapadões em flor, onde o alto São Lourenço,
Atravessava, outrora, um sertão bruto e imenso,
O "buriti solteiro" erguera a fronde ao sol:
Erecto, solitário, em meio da planura.

Mas um dia o feriu, em plena frente, o raio.
E o buriti morreu!

Salve, augusta palmeira, ó buriti sagrado!
Testemunha talvez desse longo passado

A presença de buritis denuncia a existência de lençol de água, e já no século XVIII o termo buritizal era empregado como sinônimo de brejo. O diário da viagem que o governador nomeado de Mato Grosso Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres fez em 1772 já o registra.

"(...) e o mesmo sucede um pouco mais adiante a respeito dum boritizal ou brejo igualmente invadiável"(1).

Ulisses Cuiabano é autor de um poema que tem quase o mesmo título do de D.Aquino - **O Buriti Solitário**.

CAMALOTES

Já vão camalotes boiando nas águas,
Aos bandos até!
Do poema **A Flor do Aguapé** (p.103)

Segundo Bernardino José de Souza "Termo do Sul do Brasil, especialmente de Mato Grosso, o qual designa ilhas flutuantes formadas de

plantas aquáticas, aguapés, que descem os rios, à mercê da corrente, logo que começam a receber as primeiras águas” (**Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**).

Outro termo regional correspondente é **tapagem**.

A palavra que na Amazônia corresponde a **camalote** é **periantã** (o.c.)

“Destacados das baías, cujos sangradouros estuam, ou das barrancas do rio, os camalotes de aguapé, vogam, em balsas de verdura, até que, redemoinhando, num remanso, encontrem novo ponto de fixação, ou, ganhando a corrente-mestra do Paraguai, desçam lentamente, águas abaixo, abandonando para sempre o lugar de nascimento” (Cavalcanti Proença, o.c., pp. 82/3).

CAMBARÁS

Sorrias-me nas flores da piúva,
E na dourada flor dos cambarás!
Do poema **Ninho em Flor**

“Cheias de velas de ouro, das espigas de flores amarelas, luzente como árvore-de-natal, o cambará, muitas vezes de tronco broqueado, em cujo oco os morcegos vermelhos fazem morada, para, ao crepúsculo da tarde, voar às centenas, renteando o espelho do rio, à procura de peixe” (Cavalcanti Proença, o.c., p.80).

Segundo o mesmo autor, o cambará, apesar de ter muitos préstimos -serve para fazer boas canoas, pilões, tábuas de porta, caibros- “rapidamente transforma campinas em savanas” (o.c., pp.35 e 84).

“Os velhos moradores do pantanal sabem, sem sombra de dúvida, que pedaços de chão onde, hoje, crescem bosques de cambará e paratudo, ensombrando campos de criação, foram roubados às gramíneas forrageiras”. (o.c., p.35).

CANDIMBA

Pia uma ave. Das moitas enfloradas,
Sai, espreitando, a tímida candimba
Do poema **Ave, Maria!**

Na acepção do poema é difícil de encontrar a palavra nos dicionários correntes. Parece que a maioria deles desconhece o uso regional.

Não está no Grande Aurélio, que registra apenas:

“Candimba (do quimb. **kandemba**) s.m.1 Bras. MG pop. Dificuldades, apertos, apuros. Sin. (bras. S): tipiti. 2.Bras. tapiti.”

Renato Mendonça não registra o vocábulo na obra **A Influência**

Africana no Português do Brasil.

É preciso recorrer ao **Resultado dos Trabalhos e Indagações Estatísticas da Província de Mato Grosso**, de Luiz d'Alincourt, datado de 1826, para rastrear o emprego regional.

Enumerando os quadrúpedes de caça, o autor relaciona:

-“Coelho, a que chamam orelhudo”, e

-“Candimba, qualidade de pequeno coelho”

Mais adiante ele menciona “Tapti (sic), Candinga (sic) (*Lepus brasiliensis*) (o.c.,p.261).

Aparentemente a última citação - **candinga** está por **candimba**, pois **tapiti** é sinônimo ainda usado.

Candimba não é palavra que se encontra nos dicionários mais comuns. Não a registra, também, o **Dicionário do Brasil Central**.

Foi preciso recorrer a um dicionário das “línguas nativas do Centro e do Norte de Angola” para encontrar a palavra na acepção em que é empregada em Mato Grosso. No **Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo**, do Pe. Antônio da Silva Maia, encontramos:

-uma das palavras que correspondem a coelho em Quimbundo é **ndimba**

-a **lebre**, na mesma língua correspondem, entre outras, a própria **ndimba** e também **kandimba**.

A **Gramática de Kimbundo**, de José Luiz Quintão (Lisboa, 1934), informa que o diminutivo nessa língua é formado acrescentando-se o prefixo **ka** à palavra. E cita como exemplos:

hoji - leão kahoji - leãozinho

mona - filho kamona - filhinho

ditadi - pedra kaditadi - pedrinha

mumbundu- preto kam'bundu - pretinho

É evidente, portanto, que **candimba** é o diminutivo de **ndimba** (coelho em kimbundo).

CORIXO

E vendo os grandes jacarés deitados,

Ao longo dos corixos cristalinos.

Do poema **Mimoso** (p.90)

Verde mar de gramíneas, mar parado

Que os corixos, qual serpe desconforme

De cristal, vão cruzando lado a lado,

do poema **Pantanal** (p.99).

Segundo o **Dicionário Geológico-Geomorfológico** de Antônio Teixeira Guerra, Corixo é “designação regional do Pantanal de Mato Grosso, para os pequenos riachos permanentes que ligam as baías”.

Segundo Virgílio Correa Filho, “assim se denomina o canal de ligação de uma baía a outra, ou rio próximo, como também a escoante de depressões pantanosas, ou braço morto de rio, que ainda mantém água, embora temporária. Também se usa a forma feminina - Corixa -, que se acha consagrada em documento diplomático, definidor dos limites entre o Brasil e a Bolívia” (**Fazendas de Gado no Pantanal Mato-Grossense**, p.53).

Leverger diz que “são pequenas e estreitas baías; dão também este nome a verdadeiros regatos ou ribeiros não perenes” (RIHGB, 1862 212, citados por Macedo Soares).

Os autores consultados silenciam sobre a etimologia deste regionalismo. Macedo Soares no seu **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** só faz indagações - “ETIM.? guaicuru ? guarani?”.

Cita Severiano da Fonseca, que também pesquisou e não encontrou a origem da palavra, e dá informação negativa sobre procedência boliviana que supõe.

“São escoadouros dos terrenos mais altos, e nestas regiões conhecidos sob o nome de **corixas** ou **coriches** (a) - (a) Não é palavra portuguesa, nem sei a sua origem. Mesmo os bolivianos, de cujo país a suponho recebia, não puderam elucidar-ma, não a conhecendo numa dezena de dialetos dos mais conhecidos, desde o quíchua até o chiquitano” (**Viagem ao Redor do Brasil**, I,p.45).

Resta, portanto, por estabelecer a etimologia do regionalismo mato-grossense **corixo**.

FIGUEIRA DO ADEUS

Descabelada, a sós, por sobre a imensa praia,

Pende a velha figueira (...)

É a figueira do adeus a esta terra que adoro!

Do poema **Figueira do Adeus** (p.157).

Numa nota de pé de página D.Aquino esclarece o título do poema -A Figueira do Adeus era a “figueira do porto de embarque em Cuiabá” (idem).

Quando a principal via de acesso à cidade era a fluvial, a figueira do porto fazia parte da paisagem sentimental da cidade, como atesta o poema:

Cavalcanti Proença descrevendo a chegada a Cuiabá de barco, fala na figueira.

“Lá está a igreja de S.Gonçalo, com o santo em cima da torre, sobre o globo dourado; o cais de pedra-canga feito por Leverger, muito alto, dando idéia da altura a que podem chegar as águas da enchente; uma figueira enorme nascida entre as pedras do cais, dando sombra às lavadeiras e aos garotos que se preparam para pescar piraputangas no porto” (No Termo de Cuiabá, p.34).

Figueiras, com suas grandes copas destacam-se em muitos trechos da paisagem mato-grossense. Pela sombra que davam, eram locais escolhidos para pousos nos longos e desertos caminhos do sertão. O pintor Hércules Florence faz menção delas em várias passagens do seu diário de viagem (2).

O GUARANÁ

Entrando airosa,

A neta vai, à flor de fina grosa,

Ralando o guaraná, com maestria.

E feita assim, por suas mãos de rosa,

Numa salva de prata luzidia,

Quão pura e perfumada não sorria,

No cristal, a bebida milagrosa.

Do poema *O Guaraná* (p.167).

Sobre essa tradição regional, passamos a palavra a Joaquim Ferreira Moutinho, que escreveu *Notícia Sobre a Província de Mato Grosso* (1869).

“O guaraná é geralmente usado como limonada em todas as povoações da província. Está tão introduzido o seu uso como o do mate nas repúblicas do Paraguai e do Prata, como o café nas províncias de Goiás, Minas e S.Paulo” (o.c.p.210).

“Usam na província servi-la em copos pequenos, dos quais geralmente se faz uso para vinho, em uma pequena salva de prata, sendo a colher especial, porque a concha é um pouco menor que a de uma colher de chá, e o cabo tem um palmo de comprimento. Algumas pessoas têm-na de ouro” (o.c.p.210).

Como todo o guaraná consumido em Mato Grosso era importado do Pará, era “um vício caro”, pois “a todas as visitas se oferece essa bebida, que é sempre aceita” (p.c.p.211).

Roquete Pinto em exploração ao norte de Mato Grosso em 1912, encontrou, muito além do pouso do Chapadão dos Parecis, um seringueiro que vivia absolutamente só naqueles ermos sertões, e que o convidou a visitar sua feitoria.

“Cuiabano, dos bons, ofereceu-nos um guaraná mexido com colher de prata, num copinho de vidro grosso; depois, submeteu-se ao meu indispensável interrogatório, com doçuras e modos de quem já estivera morando na Cidade. A cidade, para o sertanejo, é Cuiabá” (Rondônia, 4a. ed., p.158).

Salva de prata, colher de prata ou de ouro, copo de cristal ou de vidro, cerimonial, requintes que lembram o século XVIII, em que começou o povoamento de Mato Grosso (3).

JAÓ

Por ti choraram as jaós ligeiras,
Soluçaram na mata as cachoeiras,
Do poema **Bodaqui** (p.151).

Noite e dia,
Solta músicos respiros,
Triste e só
- Alma feita de suspiros -
A jaó

Sob as flores e entre os ramos
Do cipó,
Já suspira os seus reclamos
A jaó

Varre as fonas da queimada,
Cirza e pó,
So ecoa a voz magoada
Da jaó

Tudo cala. Mas na mata,
Meiga e só,
Inda os fundos ais desata
A jaó

Como é doce a voz tão terna,
Que dá dó,
Dessa mágua inata, eterna
Da jaó!

Onde sempre, noite e dia,

Meiga e só,
Chore a fúnebre elegia
A jaó.

Triste e só,
- Alma feita de suspiros -
A jaó!
Do poema **A Jaó** (pp. 188/90).

Viveram já, contubernais e amigas,
Alternando as nostálgicas cantigas,
A jaó e a perdiz:
Do poema **A Perdiz e a Jaó** (p.191).

Macedo Soares no seu **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** registra:

"Juô-juô-jaó - sm. e f. galinácea. "Ave que articula distintamente o seu nome, mas com acento triste".

Fala na jaó a canção sertaneja **Soffrê num póde**, com versos de Franklin Casiano da Silva e música de Zulmira Canavarros.

E a jaó
Lá no serrado
Canta tristonha
De ouvi meu canto
Tão magoado (4).

"LUFADA"

PLENILÚNIO de abril. Desmaia a lua,
Ao beijo rosicler das madrugadas.
E eis sai dos pantanais onde flutua,
O cardume de escamas nacaradas.

Sai rio afora, e o rio todo estua
No arrepio das rijas rabanadas.
Rebrilha o sol: na luz intensa e crua,
Palpitam as libélulas douradas.

Freme a terra selvagem e opulenta,
Numa orgia de vida, que rebenta
Em festa, em riso, em músicas, em flores.

E para o azul, como um gorjear bravio
De pássaro feliz, sobe do rio
A límpida canção dos pescadores.

Em nota de pé de página, D.Aquino explica o título do poema.

“**Lufada** no rio Cuiabá, é a **piracema** dos tupis, isto é, o estrepitoso tumultuar dos peixes ao saírem, rio acima, das baías e pantanais, quando estes vazam, o que sói coincidir com a linda estação da lua cheia de abril ou maio” (p.100).

Enquanto na Amazônia, em São Paulo e em outras regiões, a migração dos peixes é designada com uma palavra de origem tupi, em Mato Grosso o é por palavra portuguesa - **lufada**.

Lufada é termo antigo, muito usado pelos homens do mar - “rajada. Sopro de vento forte que pode repetir-se com intermitências” (**Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Atual**). “Lufada - Borbotão de vento mais fraco que a refrega. Lufar - Soprar o vento às lufadas” (**Dicionário Ilustrado de Marinha**).

O **Grande Dicionário** de Antônio de Moraes Silva registra - “Lufada - Sopro forte de vento; rajada; rabanada violenta, mas intermitente”.

“A lufada é o êxodo dos peixes do Pantanal, rumo às cabeceiras dos grandes cursos d’água. Todos os anos, entre maio e junho, se verifica esse fenômeno” (Ernesto Vinhais, Feras do Pantanal, citado por Bernardino J. de Souza).

O **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, registra também a palavra com outra acepção:

“Lufada - 2- Método de pesca em rios, em que os peixes são atordoados à noite pelo fogo de fachos, chegando a saltar dentro das canoas”.

MÃE DE PEIXE

Em nota ao poema **Lufada**, D.Aquino informa que a expressão **mãe de peixe** é um regionalismo cuiabano, equivalente a libélula ou lavadeira.

“Por esse tempo, costumam também aparecer sobre a cidade enxames de libélulas ou lavadeiras, a que, por esse fato, os cuiabanos apelidaram **mães de peixe**” (p.100).

Cavalcanti Proença também registra a expressão, e informa outro sinônimo regional - **papa-mosquito**.

“Os insetos odonatas, além do nome de papa-mosquito - pelo hábito de molhar a extremidade do abdômen na água e aparecer com mais freqüência no tempo da lufada - são chamados **mãe-de-peixe**” (o.c.,p 47).

Não encontramos nos dicionários consultados as expressões **mãe de peixe** e **papa-mosquito**.

“PAUS-RODADOS”

Das altas cabeceiras verdejantes,
Por onde o Rio-Manso e o Cuiabá,
Enlaçam no colar dos seus diamantes,

Precipita-se e tomba a bruta enchente.

E cresce e espuma e tudo arranca e invade,
Té que se vê, aos soturnos roncoss,
Passarem pelo porto da cidade,
Raizes, galhos e moirões e troncos,
Que o meu rio natal leva arrastados,
Numa pompa triunfal de paus rodados.

Em nota de pé de página, D.Aquino esclarece o título do poema: **“Paus-rodados** se apelidam em Cuiabá os filhos de outros estados, a muitos dos quais, entretanto, deve Mato Grosso os mais valiosos serviços” (p.169).

A expressão é encontrada em vários autores.

Hermano Ribeiro da Silva, que esteve em Mato Grosso em 1930, informa - “os cuiabanos denominam os alienígenas de **pau-rodado**, depreciando-os como indivíduos de maus costumes e sem valor, como que as inutilidades que são carregadas pelas enxurradas...” (**Garimpos de Mato Grosso**, pp. 70/1).

Cavalcanti Proença informa que o “o pacu é perigoso para o pau-rodado que lhe come a cabeça, pois nunca mais que deixa Mato Grosso”. E informa em nota que **pau-rodado** é “Indivíduo de outras terras que vem tentar a vida no Estado. O interessante é que o pau-rodado, nesse caso, veio contra a correnteza”. (**No Termo de Cuiabá**, p. 40).

Filogônio de Paula Correa atribui a criação da expressão na época de Totó Paes, poeta Frederico de Oliveira, que usava o pseudônimo de **Zé Capié**, passemos-lhe a palavra.

“O período de domínio do Cel. Antônio Paes de Barros atraiu para Mato Grosso grande leva de aventureiros políticos (...) Essas levadas de aventureiros, inspiraram a poesia de Frederico de Oliveira o - Zé Capilé, criador da denominação de - Paus rodados, para o filho de fora desocupado, vindo para aqui explorar a politicagem sem escrúpulos. É de **Zé Capilé** a seguinte quadra caipira:

E depois a canaia de fora
Pau rodado que aqui encaiô
Priquitada em redó do governo
A chupá todo o nosso suô”.

(O nome João em Mato Grosso. Revista da Academia Mato-grossense de Letras, tomos XXI-XXIII, 1943, pp. 123/4).

Rubens de Mendonça também atribui a expressão a Zé Capilé - "Frederico Prado foi quem criou a expressão **pau-rodado**, para designação de aventureiros que vinham outrora explorar a política do Estado" (**Dicionário Biográfico Mato-grossense**, 2a. ed. p.122). Seu nome completo era Frederico Augusto Prado de Oliveira, foi poeta e jornalista, considerado "o Emílio de Menezes Cuiabano", colaborou em vários jornais e revistas do Estado e deixou inédito um volume de versos satíricos (o.c.).

Antônio Paes de Barros governou Mato Grosso de 1903 a 1906. Frederico Prado nasceu em Cuiabá em 1877 e teria pela época 26/29 anos. Filogônio de Paula Correa nascera em Cuiabá em 1866, e teria na época 38/40 anos. Foi, portanto, contemporâneo do governo de Totó Paes e do poeta satírico, daí a importância de seu depoimento.

O verbo **rodar** é termo de marinharia, muito antigo em português. É documentado na segunda metade do século XV em Gomes Eanes de Azurara - "... houveram conselho de **rodar** o mar, pera haverem mais certo sentido de qualquer cousa que passassem..." (**Crônica de D. Duarte de Menezes**, p.175, cap. XXI). A autora que cita esta passagem dá a **rodar** o sentido de "cruzar o mar" (Maria Alexandra Tavares Carbonell Pico, **A Terminologia Naval Portuguesa Anterior a 1460**, p. 513).

Aplicado à navegação fluvial, o verbo significa "percorrer navegando na direção corrente: rodamos o rio até a foz" (GEPB).

O termo é encontrado em Mato Grosso desde os primeiros tempos da colonização, como atesta o primeiro cronista de Cuiabá, José Barbosa de Sá, em várias passagens.

"Vindo neste mesmo ano (1728) do Sertão dos Parecis bastante gente embarcada em canoas **rodando** Paraguai abaixo com muito gentio que daquele sertão traziam..." (**Relação das Povoações de Cuiabá e Mato Grosso**, p.26).

"Miguel Pedroso da Silva, mancebo ituano, perdendo no conflito pilotos e remeiros lhe **rodou** a canoa até o barranco do rio adonde estavam alguns companheiros ..." (o.c.p.28, ref. 1730).

"... os Paiaguás recolhidos às suas canoas **rodaram** rio abaixo ..." (o.c., p. 31, ref.1731).

"... dispararam-lhes da armada as duas peças de artilharia a um tempo com bala miúda que os fez amainar a fúria e **rodaram** para baixo deixando sobre as águas muitos mortos e feridos ..." (o.c., p 31, ref.1731).

O governador D.Antônio Rolim de Moura também empregava o termo.

"Este rio Vaporé (Guaporé), foi sempre tido por incapaz de se

navegar, desde o lugar da passagem, até ao desta Vila, e os sertanistas antigos afirmavam haver nele cachoeiras e saltos terríveis e sumidouros, e até ao tempo, que ali chegou o Juiz de Fora, Teotônio da Silva Gusmão, pessoa alguma havia rodado por ele, mais que um criminoso, e deste se não sabia ainda o sucesso ..." (5).

Em Goiás a expressão **pau-rodado** também é usada.

PIQUIZEIRO

O passaredo que, a gorjear, se agrupa,
Dos piquizeiros na sombria rama,
Onde madura a perfumosa drupa!
Do poema **O Cerrado** (p.96).

Do **piqui** ou **pequi** é feito um prato típico regional - o arroz de pequi, e também o famoso **licor de pequi**.

NOIVADOS À BEIRA-RIO

"Pesquisai, enfim, as nossas lindas tradições populares. Quantas riquezas inéditas! Tome-se uma ao acaso: os noivados à beira-rio. Bem os conheceis muitos de vós: é uma flotilha de canoas. À frente, todo empavezado de flores do mato, vai o batel dos noivos: três canoas amarradas, onde bracejam, em pé, robustos remadores. No cabo longo dos remos, bem na ponta, flutuam garridamente ao vento da tarde, as cores álacres dos lenços de alcobaça.

Espoucam, de quando em quando, tiros e foguetes, que em meio ao vivório alegre do cortejo, repercutem amplamente, barrancas afora, por toda a redondeza do estirão solitário.

Vão receber a bênção do céu, na igreja da freguesia.

Vão e voltam cantando. Na volta, já o silêncio do crepúsculo baixou sobre a natureza ambiente, e, ao longe, os ecos repetem claramente o estribilho nostálgico:

Adeus, minha mãe

Do meu coração!

É a canção tradicional dos esposos em despedida aos carinhos maternos.

Vão remando. Vão cantando. E a barcarola sobe, num trêmulo saudoso, até às estrelas comovidas. A lua, qual se fora, no céu, fantástica laranjeira toda florida, desfolha agora, à passagem da flotilha nupcial sobre a água célere do rio, uma deslumbrante ilusão de pétalas de prata.

Chegam. A passarada ribeirinha alvoroça-se nos ninhos e, além, na mata próxima, as araquãs bravas preludiam a conhecida onomatopéia epitalâmica do seu canto, que vai romper festivamente na crástina

madrugada.

(À Maneira de Prefácio - O Belo nas Letras

- Discurso oficial proferido pelo autor, na instalação do Centro, hoje Academia Mato-Grossense de Letras, a 7 de setembro de 1921, **Terra Natal**, 3a. ed. Rio de Janeiro, 1940, pp. 33/4).

Este texto de D.Aquino documenta uma interessantíssima tradição cuiabana - o cortejo nupcial em canoas.

Não lhe escapou sequer o pormenor dos **lenços de alcobaça**, atados na ponta dos longos cabos dos remos, flutuando ao vento, com suas **cores álacres**.

Alcobaça é uma vila portuguesa onde existe o célebre mosteiro medieval da ordem de Cister (Mosteiro de Alcobaça). Entre os produtos de artesanato da vila figura a "tecelagem das chitas e lenços, chamados alcobaças, com tradição secular e largo aproveitamento nas artes decorativas".

Dicionário e enciclopédias registram o termo - "**Alcobaça** - s.m. Lenço grande, em geral encarnado, fabricado em alcobaça; usado ainda pelos camponeses da região, e de largo emprego nas artes decorativas". (**Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**).

Cavalcanti Proença também registra o cortejo dos noivos pelo rio.

"Na canoa vai o caboclo em busca das **funções**, onde se canta o **cururu** e se dança o **siriri**; vão os noivos e o acompanhamento nas festas de casamento, despertando o silêncio com as cantorias acompanhadas de viola de coxo, dando susto nas estrelas com o estrondo dos foguetes" (**No Termo de Cuiabá**, p.37).

Essa tradição enfatiza a importância vital que, nos tempos antigos, tinham as comunicações fluviais em Mato Grosso (6).

PIÚVA

E ostentavam as floridas piúvas,

Umas vestidas de ouro, outras de rosa

Do poema **Primeiro Natal** (p. 145).

Beijando a avenca e a samambaia bruta,

O monjolo de piúva bate e luta

Do poema **O Monjolo** (p.68)

Em vários trechos da obra **No Termo de Cuiabá** Cavalcanti Proença menciona piúva e piuveiras.

"Quebrando a monotonia da planície, surgem, aqui e ali, capões de mato cujo revestimento verde-escuro é contrastado, em agosto, pela floração roxa das piuveiras, freqüentadas por bandos de araquãs mansas e gritadoras, gulosas de flores" (o.c.,pp.80/1).

A madeira da piúva é usada na pesca de facho, nas noites de lua nova.

“O caboclo põe na proa um pouco de barro ou uma telha, lasca achas de piúva preta e põe fogo. A chama viva e clara nasce da madeira resinosa, iluminando o espelho d'água. O peixe que anda por perto vem reconhecer a luz e fica encandeado. Só é preciso pontaria e mão firme na fisga - de ponta de ferro, sagitada - para colher o dourado ou o pintado que vieram admirar o facho” (o.c.p.36).

Mas nem toda piúva presta, é preciso que seja de flor roxa, piúva preta, e que dê em terreno seco; piúva que nasce na umidade da barranca não dá facho de encandecer o peixe” (o.c.,p.37).

“Madeira importante na zona é esta piúva. Despe-se das folhas para cobrir-se de flores amareladas, se é piúva branca, ou roxas, quando é preta. Em seus galhos vêm comer as araquãs, com enorme escândalo de gritos. O cerne é duríssimo e o mais pesado de todos. Tão pesado que canoa de piúva, quando emborca, vai ao fundo, não bóia”. (o.c.p.37).

Segundo Roquette-Pinto, “piúva é o nome que os cuiabanos dão ao ipê - que anima os tons da mata durante a floração”. Em nota a esta passagem, o Prof. Alberto José de Sampaio observa: “O nome piúva ou peúva é uma corruptela de ipê-uva, pelo menos em alguns casos”. (Rondônia, 6a.ed.,1975, p.55).

SARÃ

Entre barrancas marchetadas de ouro,
Por onde se debruça, esmeraldina,
A poimpa dos sarãs, voga em surdina,
A monção (...)

Bariani Ortêncio no seu **Dicionário do Brasil Central** define sarã como “arbusto das margens do rio Araguaia, cujos galhos vão para dentro d'água. As folhas são espinhosas e a madeira muito leve; serve como bóia. Esfregando-se um pedaço de sarã no outro faz-se lume”. Menciona também as variantes - saran, sarão e sarandi.

Rufino Antônio Segurado na sua **Viagem de Goiás ao Pará**, publicada em 1848 na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, refere-se a **saran e saranzal**.

“Saran é em geral arbusto que nasce nas praias e pedreiras, que nas cheias se cobrem de águas; saranzal, lugar que é coberto de sarans, oferecendo, quando o rio está cheio, canais por entre os arbustos” (o.c.,p.188).

Para Rogério de Camarco, sarãs são as “pequenas árvores que formam as pestanas das margens” (... **aquele Mar Seco: O Pantanal**, p. 284).

SARIEMA

Todo o espaço, as esbeltas sariemas,
Trombetas do cerrado, alacrememente,
Gritam os seus hurrás ao sol nascente.

Do poema **O Cerrado** (p.96).

Mas já, como uma vaia, o desaponta

A gargalhada enorme da sariema.

Do poema **Caçada de Perdizes** (p.171)

Nos dois poemas D.Aquino grafou sariema, ao invés de seriema, que é a forma mais encontrada em geral.

Trata-se de um regionalismo. Otávio Gonçalves Gomes, autor do livro **Onde Cantam as Seriemas**, informa:

“As seriemas são aves encontradas nos terrenos secos, campos e cerrados do centro oeste brasileiro. São as sariemas do caboclo, cujo vocábulo tem origem indígena” (o.c.,p 23).

O **Grande Aurélio dá Sariema**, do tupi sari'ama, “crista em pé”, e **seriema**, variante de sariema. Portanto, o regionalismo está mais acorde com a etimologia tupi.

“Tem o pescoço comprido e um topete filiforme na cabeça, daí o nome científico *Cariama Cristata*. Aliás, esse nome cariana se originou de um erro gráfico, quando Marcgrave em seu livro sobre o Brasil, publicou a palavra “cariana” em vez de “Cariama” (com ç) originando o nome cariana” (Otávio Gonçalves Gomes, o.c.,p.23).

Em Goiás também se diz sariema (v. **Dicionário do Brasil Central**).

NOTAS

1- Moura, Carlos Francisco - **Viagem Através de Goiás e Mato Grosso em 1772 - O Diário de Viagem do Governador Luís de Albuquerque e a Toponímia e a Ecologia da Região**, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, n. 6, 1977, pp 169 e 182.

2- Hércules Florence desenhou uma grande figueira no caminho de Cuiabá a Diamantino em dezembro de 1827. V., do autor, **A Expedição Langsdorff em Mato Grosso - Desenhos e Pinturas Inéditos há mais de 150 Anos**, Imprinta Gráfica Editora/Universidade Federal de Mato Grosso, NDIHR, Rio de Janeiro, 1984, pp.32/5.

3- V., do autor, **O Teatro em Mato Grosso no Século XVIII**, Edições UFMT, 1976, pp. 27 e 74, n. 32.

4- Dorileo, Benedito Pedro - **Egéria Cuiabana**, Cuiabá, 1976, p.137.

5- Paiva, Ana Mesquita Martins de, Maria Cecília Guerreiro de Sousa e Nyl-Iza Valadão Freitas Geremias - **D.Antônio Rolim de Moura**,

Primeiro Conde de Azambuja (Correspondências), vol. 1, NDIHR, UFMT, Cuiabá, 1982, p. 65.

6- Este tema será retomado por nós no estudo em preparo **Tradições Marítimas em Mato Grosso**. V. também, do autor, a comunicação (inédita) **A Contribuição Naval à Formação Territorial do Extremo Oeste**, apresentada à V Reunião Internacional de História da Náutica e da Hidrografia (Museu Naval e Oceanográfico, Rio de Janeiro, outubro de 1984).

Post Scriptum

a) O artigo vai publicado como foi escrito em 1984.

b) **Termos regionais mato-grossenses** são temas constantes de nossos estudos. Anteriormente já havíamos publicado: **Termos de Mineração Usados em Mato Grosso nos Séculos XVIII e XIX** (in CONVERGÊNCIA, RGPL, Rio de Janeiro, 1977) e **Curiosidades Sobre o Léxico de Vila Bela**, (in UNIVERSIDADE, UFMT, 1981). Também afluamos o assunto nos livros sobre teatro em Mato Grosso: **O Teatro em Mato Grosso no Século XVIII** (UFMT - SUDAM, Belém, 1976), **O Saloio Cidadão (comédia nova)**, (NDIHR-UFMT), Cuiabá, 1979) e **O Tutor Namorado** (Entremez do Século XVIII), NDIHR-UFMT, Cuiabá, 1982).

c) Com referência a temas navais mato-grossenses, já publicamos: **A Contribuição Naval à Formação Territorial do Extremo Oeste (Mato Grosso, Rondônia e Mato Grosso do Sul)**, Rio de Janeiro, 1986, pesquisa que teve uma segunda edição na série de monografias do Museu de Marinha, de Lisboa (1987), **Boats Used by the Settlers of Mato Grosso in the 18th and 19th Centuries**, Oxforf, England, 1988, e **Os Paiaguás, "Índios Anfíbios" do Rio Paraguai**, Rio de Janeiro, 1984 (Cx. Postal 3064 - CEP 20.001).